



Pluralismo religioso e transformação sócio-eclesial

Religious pluralism and social ecclesial transformations

Frei Rui Manuel Grácio das Neves*

Resumo

Parte-se nesta Comunicação de um questionamento histórico do fenómeno religioso na pós-modernidade, revisitando os “Mestres da Suspeita” (os três clássicos citados por Paul Ricoeur, mais Feuerbach), procurando detetar as “perversões” da Religião. Apresenta-se a Espiritualidade como algo diferente da Religião (podem reforçar-se ou não). A Espiritualidade como sendo mais a expressão das antigas tradições espirituais e a Religião como sendo a sua formulação histórica. Defende-se uma Espiritualidade Holística que procuraria as convergências entre todas as tradições espirituais. A partir daqui examinam-se alguns dos principais desafios contemporâneos, nomeadamente, o neoliberalismo, a pós-modernidade, assim como as questões relativas à Justiça, Paz e Ecologia. Aponta-se o Holismo como saída para um novo paradigma. Finalmente, pretende-se conjugar o paradigma holístico com o paradigma da Teologia da Libertação. Neste sentido, conclui-se a Comunicação com questões práticas: o problema das mediações do Reino de Deus (são as Igrejas cristãs, hoje, mediadoras do Reino? E a Vida Religiosa?), os temas inadiáveis da justiça, da paz, do respeito ecológico, da opção pelos mais pobres e oprimidos, da procura de um modelo económico não-capitalista e de democracia mais direta, da necessidade da não-violência ativa, da presença da Graça no meio das mediações estratégicas-táticas e da Espiritualidade prática (“Caminho do Silêncio”) no seguimento do Mestre da Galileia.

Palavras-chave: Mestres da suspeita. Globalização neoliberal. Espiritualidade e religião. Holismo. Teologia da libertação.

Abstract

This paper starts with a historical questioning of postmodernity religious phenomenon, revisiting the "Masters of Suspicion" (the three classical philosophers cited by Paul Ricoeur, and Feuerbach), trying to detect the "perversions" of religion. The article presents the spirituality as something different from religion (which may be reinforced or not). Spirituality as the expression of the ancient spiritual traditions and religion as their historical formulations. It is argued that a Holistic Spirituality would seek convergences between all spiritual traditions. From that point we examine some of the major contemporary challenges, namely neoliberalism, postmodernity, as well as matters relating to Justice, Peace and Ecology. The holism is indicated as output to a new paradigm. Finally, we intend to combine the holistic paradigm to the paradigm of liberation theology. Thus, the paper concludes with practical issues: the problem of mediations of God's Kingdom, for example: a) the Christian churches today would be mediating the Kingdom? What about the religious life); b) some urgent issues of justice, peace, ecological respect, option for the poor and oppressed, looking for a non-capitalist economic model and more direct democracy, the need for active non-violence, the presence of grace in the midst of strategic and tactics mediations, as well as practice Spirituality ("the Silent Way") following the Master of Galilee.

Keywords: Masters of suspicion. Neo-liberal globalization. Spirituality and religion. Holism. Liberation theology.

Comunicação recebida em 06 de julho de 2015 e aprovada em 20 de dezembro de 2015.

* Doutor em Teologia Sistemática, em Filosofia Iberoamericana e doutor em Sociologia (Teoria Social). Docente na Faculdade de Teologia de San Esteban (Salamanca), Escuela Bíblica (Madrid), Universidad Luterana Salvadoreña (San Salvador), UCA (San Salvador), CIEETS (Managua), STB (Seminario Teológico Bautista, Managua) e UCA (Managua). País de origem: Portugal. E-mail: rui@poetic.com

“Corruptio optimi, pessima est”
(A corrupção do ótimo, é o péssimo)
(Adágio latino).

Introdução

Hoje em dia, é já um tópico estabelecido falar de pluralismo e pluralidade religiosa. No entanto, devemos estudar isso devagar para ver se encontramos algumas pistas mais adequadas para a transformação do nosso mundo em espaços-tempos de maior equidade, solidariedade e objetivos libertadores. Há aqui uma pergunta de fundo: afinal, as religiões são espaços de humanização e de maior sentido de vida, ou, pelo contrário, são uma perversão que só atrapalha qualquer mudança radical nos nossos dias?

That is the question.

1 Religião: para quê?

Essa não é uma pergunta nova. Podemos rastrear as suas formulações mais críticas até o século XVIII, e, principalmente, séculos XIX e XX. Os denominados “mestres da suspeita” (Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud, etc.) foram especialmente críticos contra toda forma de religião, por entender que ela travava o processo de libertação do ser humano, mais do que o possibilitava. Cada um desses mestres apresentará razões diferentes e focarão diversos aspetos da hermenêutica da religião. No entanto, a coincidência é total: será melhor mandar a religião para a “lixeira da História” se queremos atingir um ser humano adulto, crítico e liberado.

Todos eles se referem ao cristianismo, mas não acreditamos que as suas referências a outras religiões mudem nada do panorama crítico radical. Precisamos analisar as suas críticas e dar-lhes o seu devido valor, para purificar a religião das suas diversas perversões históricas. Eis algumas pistas muito resumidas.

- a) Feuerbach, por exemplo, vai possibilitar uma análise onde o divino e o humano estão em contradição absoluta. Sendo absolutamente contrários, Deus nutre-se da humanidade, ou seja, rouba a essência do humano. Ele é mais à custa de um ser humano empequenecido e aniquilado. O que é válido em Feuerbach é mostrar as perversidades de um pseudo-deus (a tradição bíblica falará de um “ídolo”), mas não do Deus cristão, o Deus de Jesus, que promove o ser humano à sua plenitude. A plenitude do ser humano é a plenitude de Deus. Divino e humano não estão em oposição, mas em integração. Em Deus, o ser humano é mais, mais pleno, mais humano, mais autorrealizado.
- b) Freud, pela sua parte, denunciará uma religião escapista. Com influência feuerbachiana, pensará no “*homo religiosus*” como um repressor da sua libido (fundamentalmente, sexual). Ou seja, representa uma repressão instintiva (Édipo mal resolvido de um Pai onipotente?) e, sobretudo, uma ilusão (sem esquecer a sua qualificação da religião como “neurose obsessiva universal”). É como querer escapar da situação antropológica de indefensibilidade permanente “inventando” um Ser Supremo que cuida dele e o protege. É uma neurose infantil que deve ser superada para o crescimento psicológico maduro de todo o ser humano. Mas uma vez mais, se Deus é o criador do ser humano, ele é o criador também dos seus instintos e, portanto, não pode ir contra eles. Se tem havido formas perversas de religião que “infantilizam” o ser humano, isso serão desviações (que, evidentemente, devem ser consideradas). Deus não pode ser um refúgio da vida, nem dos problemas, contradições e males. Pelo contrário, o Deus judaico-cristão ajuda na luta contra tudo o que oprime o ser humano.
- c) Marx tomará a religião, em último termo, como “ópio do povo”. Em realidade, a religião tem um aspeto positivo que não deve ser esquecido: ela é uma forma de protesto contra uma situação estrutural injusta. Isso mostra que há nela consciência crítica com respeito ao mundo sócio-histórico em que vivemos. Mas, para Marx, é um pseudo-protesto, porque redireciona para o Mais-Além o

que deve ser realizado neste mundo intra-histórico: transformar o Modo de Produção Capitalista, com o seu regime de propriedade privada e exploração da mais-valia dos trabalhadores, noutro mais correto: o Socialismo. Portanto, o desafio está neste mesmo mundo e não no outro. E a religião converte-se em ópio, porque impede a realização da única tarefa essencial para mudar este mundo: a revolução social.

Uma vez mais, é verdade reconhecer esta perversão da religião, que muitas vezes favoreceu e fundamentou o direito dos poderosos e das autoridades, em detrimento do povo e, especialmente, dos trabalhadores e dos mais pobres. O problema é que muitas vezes, e em diferentes partes do mundo, ainda continua a ser assim. Mas não é essencial e fatal que seja desse jeito. A História também nos mostra como a religião pode ser um fator revolucionário na transformação por um mundo mais justo. No passado ou na história recente (veja-se América Latina e Caribe, e não só). Uma vez mais, “*corruptio optimi, pessima est*”.

- d) A crítica de Nietzsche é também muito pertinente. Ele afirma que a religião (principalmente o cristianismo) é inimiga da Vida e das suas exigências mais primárias. Em nome de um “céu” imaginário, e de princípios abstratos, perdeu-se a materialidade da vida e atraiçooou-se a força da Vida, que identificou como “vontade de poder”. A moral cristã era, para ele, uma “moral de escravos”, uma “moral de camelos”, porque só pregava a submissão, a humildade, o rebaixamento, a piedade, etc., tudo isso “contra-valores”, contrários à afirmação da Vida por ela própria, que é auto-afirmativa *per se*. Portanto, o super-homem realiza essa “transmutação de valores”, necessária para que a Vida continue, reproduza-se e aperfeiçoe-se. Em definitivo, a “moral de escravos” é uma anti-moral.

Há dúvidas quanto a se muitas vezes se pregou – ou ainda se prega – uma atitude de resignação, masoquismo e humilhação, por meio da religião, que nada tem a ver

com a “revolução de Jesus”. De facto, a religião é, como tal, uma afirmação da Vida, uma *religação* com ela e com toda a Evolução criativa. Mas as corruptelas e as perversões dela em determinadas épocas históricas (das quais o próprio Nietzsche foi testemunha no seu tempo), faz não esquecer o protesto nietzscheano por uma religião que não seja antívida, mas, pelo contrário, promotora da vida, da esperança, da luta por viver e crescer (não só individualmente, como comunitariamente).

2. Os desafios de hoje

Os anteriores são somente alguns exemplos clássicos de um ateísmo de protesto e de reivindicação do ser humano no que tem melhor de si mesmo. Interessa não os esquecer, especialmente na prática histórica. Mas agora queremos ver isto no mundo atual. Vamos analisar a seguir alguns fenómenos caraterísticos dos nossos dias.

2.1. O neoliberalismo

O neoliberalismo é o modelo predominante nos nossos dias; porém, está, atualmente, em franca crise teórica e prática. Depois de ter levado várias décadas a criticar os modelos socialdemocratas (ou seja, modelos influídos pelo economista de origem conservadora John Maynard Keynes) de gestão do económico, do poder, do social e do cultural, o neoliberalismo impôs-se como teoria e prática *mainstream* do mundo contemporâneo. A ideia é reduzir o controlo do Estado sobre a economia. O seu dogma é o Mercado Total. Um mercado que é hoje mundial (daí que recebe também o nome mais benévolo de *mundialização*). Isto significa que deve deixar-se a esta instituição, o Mercado, a orientação e gestão do económico (e do social) como tal, sem intervenção externa. Qualquer intervenção externa é uma alteração das leis “naturais” do Mercado.

Na nossa própria opinião, quem retratou muito bem o “mundo neoliberal” é o recentemente falecido Eduardo Galeano, quando escrevia num texto (que li num *graffiti* em Manágua, numa parede junto da UCA, há alguns anos atrás):

Os funcionários não funcionam.
Os políticos falam, mas não dizem.
Os votantes votam, mas não elegendem.
Os meios de informação desinformam.
Os juízes condenam as vítimas.
Os militares estão em guerra
contra os seus compatriotas.
Os polícias não combatem o crime,
porque estão ocupados em cometê-los.
As bancarrota são socializadas,
os lucros são privatizados.
É mais livre o dinheiro do que as pessoas.
As pessoas estão ao serviço das coisas.

Trata-se, em minha opinião, de uma excelente descrição do que nos acontece hoje em dia. Sobretudo quando afirma que “É mais livre o dinheiro que as coisas. As pessoas estão ao serviço das coisas”. Esta *objetualização, rei-ficação* ou *coisificação* dos seres humanos e a *subjetivização* do dinheiro é, sem dúvida, a melhor definição do que outrora tinha sido afirmado por Marx. É o fetichismo do dinheiro (junto com o da mercadoria e, sobretudo, do Capital).

Isso será uma importante conclusão para a nossa temática sobre a religião e a pluralidade de deuses. Certamente, o deus-ídolo dominante é o deus Capital que se manifesta no seu Reino, o Mercado. Ainda continua a ser assim, e o Mercado fez-se maior: é o Mercado mundial, cuja riqueza se concentra na financiarização da Economia e de qualquer relação humana e social. Perante isto, fica só o ateísmo militante do deus Capital e do seu reino, o Mercado. Um ateísmo que tem que ser teórico e prático, a partir do Profeta e Mestre da Galileia. Voltaremos a isso no final.

Porém, há um aspeto que o neoliberalismo pôs sobre a mesa que deve ser equacionado de maneira diferente de como foi tratado nos tempos mais recentes. Trata-se da questão do Estado. Se não queremos voltar a políticas socialdemocratas

(são, além disso, viáveis hoje?), nem queremos cair no neoliberalismo puro e duro, que cria mais super-ricos e uma quantidade enorme de pobres sem saída para o Sistema, e que, aliás, é tremendamente concentrador da riqueza. Devemos – e podemos – formular outras alternativas de superação do modelo capitalista de propriedade privada (dos meios de produção) e também do Estado, como mecanismo intrínseco de opressão de classe e de verticalismo anti-democrático. Entraríamos aqui na discussão de modelos alternativos, como os do socialismo autogestionário e libertário.

Já se tem falado disso desde alguns anos atrás. Um socialismo autogestionário libertário implica que a propriedade como tal seja *social* (e não estatal), ou seja, que esteja nas mãos dos próprios trabalhadores/as. Portanto, socialização não é equivalente de capitalismo de Estado (e também não de socialdemocracia). Além disso, requer uma democracia direta e de base, participativa, sem Estado. Em poucas palavras, não são necessários nem capitalismo nem Estado.

Seria agora bastante amplo falar mais em pormenor dessas questões (poderíamos fazer referência a outros escritos nossos nessas linhas, e até a nossa atual tese de doutoramento em Sociologia sobre a Autogestão libertária). Também não faltam experiências históricas nesta linha. Enxergamos, pessoalmente, tudo isso como um importante desafio para qualquer pastoral libertadora na América Latina e no Caribe, assim como em todo o mundo.

Achamos, igualmente, que nunca tanto como hoje o descrédito do modelo capitalista como tal e o esvaziamento de uma verdadeira democracia levada a cabo pelas democracias representativas é significativo. Por todas as partes do mundo, há cada vez mais o desejo, muitas vezes “intuitivo”, de modelos alternativos para começar a caminhar, de uma igualdade com liberdade no âmbito económico, assim como esquemas de maior democracia direta, onde a população possa sentir-se realmente dona da sua vida, e não manipulada pelo Sistema atualmente dominante.

2.2 O pós-modernismo

O pós-modernismo formulou também uma crítica às instâncias clássicas de libertação histórica, no que se refere aos meta-relatos, às grandes construções teóricas de libertação. Como sabemos, há diversas maneiras de interpretar o pós-modernismo, ou melhor, os pós-modernismos, no plural.

Algumas maneiras, mais radicais, na linha de Jean Baudrillard, inclinam-se a pensar que o pós-modernismo é uma alternativa à modernidade. Acabou o seu tempo histórico e devemos assim começar a pensar em “pós-moderno”, dando peso ao mundo hiper-real, onde o real como tal desaparece em função do espetáculo. Estamos na sociedade do espetáculo, e tanto pior para o real que não se formula nesta chave hiper-real. A realidade desaparece e só encontramos, ao final, a hiper-realidade. Por conseguinte, como destacaram alguns autores também, a indiferença, a apatia e a inércia descrevem massas saturadas de signos midiáticos, simulacros e hiper-realidade (RITZER, 2002)¹. É o triunfo do *efêmero*.

Mas há outras concessões sobre o pós-modernismo, mais moderadas, que não “deitam a criança junto com a água suja”. Por exemplo, o caso da proposta de Frederic Jameson. Para esse autor, a pós-modernidade não é senão uma expressão da sociedade capitalista na fase atual em que se encontra. Jameson associa a cultura realista com o capitalismo de mercado, a cultura modernista com o capitalismo monopólico e a cultura pós-moderna com o capitalismo multinacional. Talvez as coisas não sejam assim tão lineares (tipo base-superestrutura), como o seu pensamento parece sugerir. Mas a linha de pesquisa de Jameson sobre o pós-modernismo parece válida. Neste sentido, identifica a sociedade pós-moderna pela superficialidade, pelo desvanecimento da emoção e do afeto, pela perda de historicidade e pelas tecnologias reprodutivas (televisão e computador).

¹ Ritzer (2002, p. 578-600) relata muito bem as propostas nas páginas que dedica à pós-modernidade no seu estudo sobre a Teoria Sociológica Moderna.

Apesar de também encontrar elementos positivos no pós-modernismo, Jameson apresenta-nos uma imagem desse tipo de sociedade como uma onde as pessoas andam à deriva e mostram-se incapazes de compreender o sistema capitalista multinacional ou a cultura crescentemente explosiva na qual vivem (RITZER, 2002; LIPOVETSKY, 2008).².

Pessoalmente, acreditamos que Jameson está no certo no referente à interpretação, mas as categorias apresentadas pelos pós-modernos são úteis também para compreender as sociedades de capitalismo tardio.

Porém, seria incorreto, em nossa opinião, enxergar a pós-modernidade como somente uma crítica dos meta-relatos, com o que isso teria de crítica radical para os meta-relatos religiosos e a sua aposta de futuro libertadora para a Humanidade³. A pós-modernidade também possui elementos positivos neste ponto. Por exemplo, aponta a uma vivência próxima e imediata do Absoluto no quotidiano. Neste sentido, destacaria os elementos mais flexíveis e imanentes na aproximação ao Divino. Ou melhor, dito como encontrar o Divino no meio do humano como tal.

A pós-modernidade incentiva, assim, a prática individual espiritual, sempre como experiência (ou vivência). E, como sabemos, se falta este elemento experiencial numa prática religiosa, ela se converte em ideologia, dogmatismo ou exercício do poder eclesiástico. Uma vez mais deparamo-nos aqui com um tema recorrente no pensamento e na prática atual: diferenciar *religião* e *espiritualidade*.

A *espiritualidade* refere-se à experiência fundante ou fundamentante, a algo vivenciado por alguém ou algum grupo originante. A *religião* é o momento posterior, o momento institucionalizado, o momento dos mitos e dos dogmas em que se acredita, da moral a seguir, do culto e dos ritos a praticar, do templo e do sacerdócio, das finanças, etc. De facto, toda religião procede inicialmente de uma

² Cfr. Ritzer (2002: 587). Assinalemos também que Gilles Lipovetsky (2008) também faz excelentes reflexões sobre a sociedade pós-moderna contemporânea no seu livro "La era del vacío. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo."

³ Há um interessante livro sobre a pós-modernidade e a religião, que não vamos comentar aqui, mas que vale a pena ser lido. Trata-se do livro de Jacques Derrida, Gianni Vattimo e outros, intitulado *A Religião* (a edição portuguesa é da Relógio d'Água, Lisboa, 1997).

experiência originária e originante. No entanto, ambos níveis de espiritualidade e religião podem coincidir ou, inclusive, opor-se, mas não são a mesma coisa. A espiritualidade tem a ver mais com a interioridade ou com o social carismático (no sentido de Max Weber), enquanto a religião é mais exteriorizada e institucionalizada.

Nesse sentido, vemos o pós-modernismo apontar mais para a experiência individual e grupal, imediata e direta, do divino, transcendente/imanente, próprio do aqui-e-agora, mais afim à espiritualidade do que ao meta-relato da religião com mitos e dogmas. Portanto, aponta para algo imprescindível no debate contemporâneo, que resumimos nas seguintes perguntas:

- É possível ter uma experiência espiritual “pura” (preferimos chamar de “vivência espiritual”), imediata e direta?
- Instituições, intermediários e mediações são um empecilho ou uma possibilitação da vivência espiritual originária? Atrapalham ou ajudam?
- Como conjugar a liberdade interior da vivência espiritual com a exterior de uma prática social?
- Como conjugar o esoterismo com o exoterismo?

Esses problemas estão formulados desde uma prática pós-moderna positiva. Portanto, não é possível ser totalmente negativo com respeito ao pós-modernismo, porque ele nos lança também questões importantes para o mundo contemporâneo.

2.3. Paz, Justiça Social e Ecologia

Um desafio muito importante para o pluralismo religioso de hoje, concebido como macro-ecumenismo (e não somente como micro- e meso-ecumenismo), são os temas da Paz, da Justiça Social e da Ecologia, que devem ser equacionados em interrelação positiva e criativa. Num mundo injusto estruturalmente, depredador

da Natureza e ameaçador permanente de guerra e de violência (a violência estrutural já há muito acontece), há algum papel que as religiões e tradições espirituais podem desempenhar para um Planeta mais harmônico, equilibrado e auto-consistente? Nesse sentido, a última Encíclica do Papa Francisco sobre a Ecologia integral (*Laudato Si*) dá-nos boas pistas para este trabalho.

O que aqui desejaríamos salientar é a tarefa importante e inadiável que tem as religiões para, conjuntamente, lutar pela Paz, pela Justiça Social e pelo cuidado da Natureza (sem esquecer que nós, humanos, também somos essa mesma Natureza: infelizmente, o paradigma cartesiano separou-nos dualisticamente do “resto da Natureza”, pondo-nos à parte da interconexão total da Natureza consigo própria). A iniciativa por Papa João Paulo II, anos atrás, em Assis, de encontro entre as diversas religiões (*Jornada de Oração pela Paz*, a 27 de Outubro de 1986) foi um ato “profético”. No entanto, ainda temos que avançar muito nisso.

É necessário agir rapidamente. O crédito moral que as instituições religiosas ainda têm (parece que algumas delas em franco decréscimo) pode ser decisivo para procurar saídas mais além de confrontações teológicas ou teóricas. Muitas delas passam a trabalhar por *uma nova consciência planetária*, na qual a responsabilidade pelas injustiças cometidas contra os seres humanos e pela preservação e saúde global do nosso Planeta tem que ser um objetivo fundamental. Há também várias ONGs e Associações que trabalham nesta linha de mudança de paradigma.

Nessa mudança, a integração entre Ciência e Espiritualidade é uma questão central. E precisamente esta questão de uma Consciência planetária e cósmica, em momentos de grandes dificuldades para os seres humanos poderem conviver em harmonia, torna-se uma questão fulcral. O apelo à simplicidade de vida e não consumismo, de distribuição da riqueza entre todos e todas, de ir mais além de materialismos práticos (e até teóricos, como esquemas do passado), pondo sobre a mesa desta transformação global questões como a evolução interior e a eco-espiritualidade, recobrando a Sabedoria profunda de tantas tradições espirituais da Humanidade, é demandante (LAZSLO; KINGSLEY, 2012).

Mas as religiões dialogantes não podem deixar para mais tarde este “compromisso histórico”. Arriscam-se a chegar demasiado tarde e a não cumprir a sua parte de responsabilidade humana na gestão de um mundo mais harmónico, justo e “espiritualizado” (com Consciência).

3. Mudança de Paradigma e as suas consequências

Somos hoje confrontados com uma “nova mentalidade”. Estamos em processo de mudança de paradigma. Aqui, queremos demonstrar, resumidamente, uma proposta que denominamos *holística* e que deve ser bem entendida. Vejamos.

a) Holismo

Holismo é um neologismo, utilizado pela primeira vez por Jan Smuts na África do Sul, num escrito de 1926, que destaca o aspeto de *totalidade* sobre o de partes e fragmentos. A sua concessão é que a totalidade é mais do que a soma das partes, porque intervém também nas mútuas e complexas interrelações de todos esses elementos e que se adicionam à mera quantitatividade de uma série de elementos materiais. Portanto, um conjunto tem esses mesmos elementos, mais todas as relações que estabelecem entre si. O holismo vai destacar que *o Todo é maior que todas as partes somadas*, e deve ser a nossa primeira referência de conhecimento e a nossa orientação na práxis também, porque uma práxis sem referência à totalidade é um ativismo que nada transforma.

b) Princípio Holográfico

Outra ideia revolucionária desse novo paradigma é o *princípio holográfico* de que o Todo está presente em cada uma das suas partes, ou o Macro está presente no micro. Isso significa, como dizia o pensamento esotérico clássico de Hermes Trimegisto, “Como é em cima, assim é em baixo”. Ou seja, há diferentes dimensionalidades (que, sem dúvida, podem afetar o conjunto), mas há uma

“isomorfia estrutural” entre o Todo e as suas correspondentes partes, ou melhor, entre o Todo Maior e o Todo menor. Neste sentido, o Sistema está em nós (no nosso interior, sendo nós, como dizia o Paulo Freire, “hospedeiros do opressor”). Nós somos o Sistema. Mas as consequências disso também são importantes: toda micro-luta afeta, de alguma forma, o Todo, entendido agora como o Sistema. Por conseguinte, toda libertação pequena e parcial é extremamente importante, porque supõe transformar também o Sistema (podemos ver isso na sociologia de Michel Foucault, que estuda como a ideologia do Sistema perpassa os níveis micro da nossa vida, e, em geral, o corpo social como um todo).

c) Interrelacionalidade de todos os fenómenos

O Holismo salienta também a *interrelacionalidade* de todos os fenómenos. Tudo está em conexão com tudo. A noção quântica da não-localidade (desenvolvida, ultimamente, pelo físico quântico Amit Goswami em âmbitos espirituais também) aponta igualmente para isto. Podem haver conexões não-locais, mais além do espaço-tempo. Neste sentido, as ideias da Carl Jung sobre a “sincronicidade” (que não deve ser confundida com “sincronia”), como sendo uma conexão significativa não causal, passam a ter nova força (e explicação), assim como a concessão de Rupert Sheldrake sobre os campos mórficos. Por conseguinte, tudo está em interconexão. Daí o chamado “efeito borboleta” dos ecologistas, e a “hipótese Gaia” (já, hoje, uma teoria) de James Lovelock.

d) Singularidade e Individualidade

Podemos, igualmente, sublinhar outro aspeto do Holismo como paradigma epistémico: a importância também da singularidade e da individualidade. Não é um Todo indiferenciado, abstrato e uniformizante. É uma Totalidade diferenciada, multidiversa. Trata-se de unidade e não de uniformização. Por conseguinte, é um Todo singularizado, individualizado, ou seja, um Todo enriquecido pela contribuição de todas as singularidades criativas. Podemos falar aqui de uma Totalidade *qualificada*, não de uma Totalidade totalitarista (como, por exemplo, a do nazismo/fascismo ou o stalinismo).

e) Individualidades provisórias, flexíveis e intercambiantes

Ao mesmo tempo, também o Holismo que aqui apresentamos defende a ideia de que as individualidades são *provisórias, flexíveis, intercambiantes*. Foi o físico F. Capra que, com a noção hindú de “dança de Shiva”, tentou explicar o “baile” das diversas partículas elementares ou sub-atômicas, mostrando que podem *emerge*r com “individualidades” de partículas de modo diferente. Haveria assim um fundo de energia, do qual “saem” diversas partículas que depois regressam de novo ao fundo e de novo emergem com outra identidade, etc., dadas certas condições energéticas. Portanto, o “mais real”, para assim falar, é o fundo de energia, e o “baile” tem a sua própria (limitada) realidade. Como observamos, o Holismo tenta sintetizar ambas as polaridades: a do Todo e a das suas partes correspondentes.

f) Fim da dualidade observador-observado

Um princípio importante do Holismo é também o do *fim da dualidade observador-observado*, algo de especial relevância no mundo da física quântica (e também no das ciências sociais). Não há um sujeito absoluto que observa a realidade e uma realidade observada. Tudo é observador e observado ao mesmo tempo. Portanto, é o fim deste dualismo epistémico. Não há um observador absoluto, nem um sujeito absoluto. Como não existe só um observado ou um objeto absoluto. Há uma relação dialética, sempre permanente, de tal maneira que ambos os aspetos intercambiam-se. Daqui surge também a importante propriedade da autorreferencialidade: o observador que observa a si mesmo. Aqui entra em ação, muito especialmente, a Espiritualidade como tal.

g) Âmbito intuitivo

Outro aspeto importante do paradigma holístico é que, sem negar a importância da racionalidade como tal, procura também explicações mais profundas no âmbito *intuitivo*. Um tanto na linha do budismo Zen, acredita na

limitação do pensamento conceitual, das categorias mentais, para apreender o mais profundo da Realidade. Isso é um passo epistêmico importante para conjugar com a Espiritualidade (Holística). Praticamente todas as místicas de todos os tempos e de diversas tradições espirituais acentuaram a importância do Silêncio, não só verbal, como também, mais difícil, o mental, para poder captar “aquilo-que-é”, “as-coisas-como-elas-realmente-são”. Na tradição das espiritualidades abraâmicas, falar-se-á de *teologia negativa*: sobre Deus há que calar. Palavras, categorias, conceitos não são capazes de apreendê-Lo. Portanto, só a experiência, denominada melhor *vivência* (por ser além do espaço-tempo, mas, paradoxalmente, *dentro* deles) *holística* pode ter um vislumbre d’Ele/Ela/Isso. Como diz a mística sufi Rabi’a al-Basrí: “Quem experimentou sabe. Quem explica, mente”.

h) Silêncio, o Mistério da realidade

Finalmente, a realidade é *um Todo dinâmico, ativo, sempre em permanente mutação*. Porém, é pressuposta uma determinada “quietude” nesse processo. Só que é inexprimível, é apofático. É o âmbito do Silêncio. É preciso viver esse Silêncio, o Mistério da realidade. A VH (“Vivência Holística”) é, precisamente, essa vivência absoluta e fundamental.

Conclusões orto-praxísticas

Até aqui, fizemos uma exposição muito resumida do que é o paradigma holístico (NEVES, 2005)⁴. Tendo em conta outros dois paradigmas – o *libertador* (da Teologia da Libertação, este já mais conhecido, especialmente na América Latina e no Caribe) e o do *socialismo autogestionário libertário*, muito sucintamente exposto⁵, juntamente com o holístico, e integrados todos eles num só,

⁴ Para quem quiser aprofundar-se mais no tema, pode consultar a minha tese de Doutorado em Filosofia, que pode ser encontrada no website: <http://espacioinfinito.orgfree.com>. Entrando neste site e clicando um botão chamado “Megatextos”, encontra-se a tese (em castelhano): “Filosofía de la Vivencia Holística”. De todas as formas, o livro está atualmente no prelo, para editar-se em breve.

⁵ É o tema da minha atual tese de doutoramento em Sociologia, já agora no final do processo.

– poderíamos formular, finalmente, as seguintes *consequências* de tudo isso para os problemas práticos e teóricos mais graves e urgentes do nosso tempo.

Em realidade, estas serão também as conclusões desta nossa reflexão. A nossa ideia aqui apresentada é que as conclusões sejam *orto-práticas*, ou seja, que tenham a ver com a transformação, com a ética e com a espiritualidade do Evangelho. Não que neguemos a necessidade e importância da ortodoxia, a correta crença, mas, infelizmente, temos há séculos uma super-abundância de formulações teóricas e intelectuais na tradição católica ocidental, que nos podem afastar da experiência concreta da fé vivida.

Por isso, acreditamos que apontar para a transformação pessoal/coletiva é a melhor maneira de dar significatividade à própria religião. Não serão as discussões teóricas e intelectuais, por mais importantes e interessantes que sejam, que farão as pessoas acreditarem que a religião tem um papel ainda hoje, nestas sociedades em grande parte secularizadas ou em processo de secularização. Por isso, os desafios são hoje *de tipo prático*. Sem dúvida, a prática pressupõe determinados paradigmas mentais de ação. Portanto, das análises que fizemos antes, queremos chegar agora à mediação prática, ou seja, ao agir. As *consequências* que então pormenorizamos a continuação são as que vemos como as mais importantes para um curto/meio prazo de ação evangélica. Ei-las, pois.

(1) Em primeiro lugar, o problema das *mediações* sempre necessárias para a realização do Reino de Deus entre nós, como foi pregado e vivido pelo Mestre da Galiléia. A pergunta aqui, entre várias possíveis, é se as Igrejas cristãs têm credibilidade espiritual e moral suficiente para espelhar o Reino. Os inúmeros escândalos de todo o tipo em várias Igrejas sobre pedofilia, e sexuais em geral, envolvimento em mega-operações económicas multi-milionárias e fraudulentas, a conivência com o Poder estabelecido, e o desfrute de grandes privilégios de todo o tipo, assim como estilos de ação nada democráticos e transparentes, etc., não deixam um ambiente mental e espiritualmente tranquilo para que as Igrejas sejam essas epifanias do Reino. Pelo contrário, por vezes, ainda parecem ser mais

anti-reino do que Reino. Porém, não podemos dizer isso absolutamente, porque há muita gente empenhada num processo de libertação dos mais pobres e oprimidos/as que são uma verdadeira epifania do Reino.

Muitas vezes também as Congregações religiosas da Igreja Católica do passado, e algumas do presente, não estão à altura da problemática do tempo, e perderam o seu “sal profético”. O aburguesamento e perda de referência radical (“de raiz”), que o Jesus do Evangelho exigiria a partir do Sermão da Montanha, podem tornar obsoletas, em vários casos, a prédica e vivência evangélica destas Congregações, onde também os interesses institucionais parecem, em alguns casos, predominar sobre a “parresia” e crítica (e auto-crítica) proféticas. A prédica, a prática, começa por nós próprios.

Porém, temos esperança na renovação radical da Vida Religiosa, e que possa ser um referente alternativo à “globalização das diferenças” no mundo hodierno. Que estes três novos paradigmas, sintetizados, ajudem a isso.

(2) Portanto, são hoje inadiáveis os temas da igualdade, justiça, paz e do respeito ecológico, a opção pelos mais pobres e marginalizados/as pelo Sistema globalizador, a paz com solidariedade, a luta por uma economia social e não privatizante, assim como por modelos de democracia mais direta no exercício do poder-serviço (não só para a sociedade mundial como tal, mas também para o interior das Igrejas). Isso é uma “maratona de longo alcance”, que será um trabalho constante para várias gerações. Acreditamos, no entanto, que estamos a viver numa época de grandes e aceleradas mudanças, e esta “crise” é uma “oportunidade”. A “crise” converte-se em um “kairós” (oportunidade), que oxalá leve a uma “metánoia” (conversão de paradigmas mentais) e a uma realização de uma “koinonia” (comunidade) fraternal/sororal universal.

(3) Os paradigmas anteriores, combinados, dão-nos pistas de ação (por exemplo, o individualismo não traz a solução, por ser competitivo, isolacionista, materialista prático, acumulacionista, etc; mas também não é uma solução um

coletivismo que esqueça e espezinhe a liberdade individual, assim como desconheça e reprima a “diferencialidade”).

Mas, não se trata de descer do Alto uma série de programas pré-preparados a nível cultural, social, político e económico, para aplicá-los aqui e agora. Isso não funciona, porque a Vida vai além das nossas cabeças pensantes. Trata-se antes de ter uma série de princípios bem formulados e fundamentados, para então encontrar as correspondentes estratégias e táticas, que sem dúvida continuam a ser necessárias para implementar a ação social (no sentido mais amplo que esta palavra possa representar). Aqui, a estratégia e tática da não-violência ativa ainda é uma referência imprescindível, e deve ser sempre melhorada criativamente e aplicada com sentido prático, prudência (que não é só abster-se, mas fazer ou não fazer aquilo que é necessário no momento oportuno, nem antes nem depois, no momento justo). Tudo isso é um trabalho democrático, participativo, para o qual todos e todas devemos colaborar, numa autêntica democracia autogestionária.

(4) Um cristão sempre acreditará que é a Graça, esse dinamismo divino que dirige a História, entendido como Providência, que realiza o seu plano (muitas vezes incompreensível para as nossas limitadas mentes) por caminhos inesperados. “Deus escreve direito por linhas tortas”, como diz um provérbio português. “Os seus caminhos não são os nossos caminhos”, como proclama o profeta Isaias (Segundo Isaias, 55, 9, mas em geral todo o espírito deste salmo). Porém, esse Espírito não pode agir sem nós. Utiliza as mediações históricas, que nunca são puras nem perfeitas, dada a complexidade das mediações humanas. Somos nós quem estamos chamados a fazê-lo da maneira mais consequente com a nossa maneira de viver. É um trabalho coletivo... e individual também. Ambos interligados. Um implica o outro. Separá-los é cair no fetichismo coletivista ou individualista. Estamos chamados a dar o melhor de nós próprios/as nesta Longa Caminhada.

(5) Finalmente, não esqueçamos toda uma prática da Espiritualidade (do

Deus da Vida e do Jesus das e dos Pobres), que é fundamental. A importância da meditação, do Caminho do Silêncio, da oração contemplativa, da partilha de experiências com outras tradições espirituais, do desapego e da superação do ego no caminho do transpessoal, da intimidade com o Absoluto, e, para os cristãos e as cristãs, através sempre da mediação de Jesus de Nazaré e do seu Evangelho, de uma espiritualidade do “martírio” (testemunho) pela Justiça, Paz e Ecologia, etc., são elementos imprescindíveis e pressupostos espirituais inadiáveis na construção do Reino de Deus, ou, em outras palavras, na participação na Revolução radical de Jesus, o Cristo. Sem essa prática, quotidiana, aliás, as palavras não convencem, como não convenciam os fariseus do tempo de Jesus, que não ensinavam, como ele, “com autoridade” (de vida conseqüente, coerente, consistente). Também aqui estamos chamados/as a dar o nosso melhor.

Haveria, sem dúvida, mais a ser acrescentado (por exemplo, na linha da dimensão de género ou inter-etária ou inter-geracional), e explicar melhor e com mais exemplos todo o anterior, mas preferimos ficar por aqui, para não esgotar a paciência alheia. Convidamos, por isso, o leitor ou leitora a dar também o seu contributo prático (e teórico) nestas questões anteriores e a construir juntos e juntas o Reino do Evangelho aqui-e-agora.

Lisboa, Portugal, 30.06.15

(Dia da Celebração dos Primeiros Mártires da Igreja de Roma, e em solidariedade com todos os/as mártires da América Latina, começando por “São Óscar Romero de América”).

REFERÊNCIA

- FEUERBACH, Ludwig. **La esencia del cristianismo**. Salamanca: Sígueme, 1975.
- FREUD, Sigmund. **El porvenir de una ilusión**. Tres Cantos/ Madrid: Taurus/Santillana, 2012.
- FREUD, Sigmund. **Moisés e a religião monoteísta**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.
- FREUD, Sigmund. **Tótem y tabú**. 4.ed. Madrid: Alianza Editorial, 2011.
- LAZSLO Ervin; DENNIS Kingsley L.(org.). **Ciência e Espiritualidade**. Diálogo em tempo de crise e transformação. Lisboa: Sinais de Fogo, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. **La era del vacío**. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo. 6.ed. Barcelona: Anagrama, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre la Religión. I**. (Edición preparada por Hugo Assmann y Reyes Mate). Salamanca: Sígueme, 1979.
- MURUGARREN, José Díaz. **La Religión y los Maestros de la Sospecha**. Salamanca: San Esteban, 1989.
- NEVES, Rui Manuel Grácio das. Creer en tiempos de Globalización. **Alternativas**. Managua, v.4, n.7, p. 161-177, 1996.
- NEVES, Rui Manuel Grácio das. **Cuando la Utopía era ahora. Una teorización sociológica holística sobre la Autogestión libertaria**. 2015 (Tesis Doctoral en Sociología). Universidad Complutense de Madrid, Madrid 2015.
- NEVES, Rui Manuel Grácio das. **Filosofía de la Vivencia Holística**. Disponível em: <<http://espacioinfinito.orgfree.com/megatextos.htm>>. Acesso em: 27 out 2015.
- NEVES, Rui Manuel Grácio das. **Filosofía de la Vivencia Holística**. 2005. Tesis (Doctoral en Filosofía). U.C.A -Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, San Salvador, 2005.
- NIETZSCHE, Frederico **Assim falava Zaratustra**. 11.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- RITZER, George. **Teoría Sociológica Moderna**. 5.ed. Madrid: McGraw-Hill, 2002.
- WEIL, Pierre. **Holística: Una nueva visión y abordaje de lo real**. Santafé de Bogotá: D.C. 1993.